



O CORPO DO NOSSO ESPAÇO

VERSUS

O ESPÍRITO DO NOSSO TEMPO

por Maurício Ribeiro da Silva¹

Resumo/Abstract: A mídia destaca com muita veemência as transformações do cotidiano proporcionadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, sobretudo as ferramentas de comunicação eletrônica, principalmente no que diz respeito ao tempo - cada vez menor - despendido em nossas tarefas. O que poucos discutem é a transformação implícita, talvez mais profunda, nas formas de organização do espaço. Destacam a crise pelas quais nossas cidades passam sem notar que, na verdade, estamos assentados sobre um território que não mais nos diz respeito. Uma certa forma de anacronismo. Nosso modo de viver não condiz com o lugar em que vivemos. Muitos apresentam nossa vida como se vivêssemos em um mundo sem espaço e sem tempo: sincrônico, ubíquo, inpalpável, incorpóreo. Online. Pura comunicação. Esquecem-se, como se fosse possível a separação, de nossa "primeira realidade", nos termos de Bystrina.

¹ Maurício Ribeiro da Silva é arquiteto e urbanista formado pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Artes Plásticas da Universidade Braz Cubas (Mogi das Cruzes - SP) e do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas Módulo (Caraguatatuba - SP). Membro do CISC desde 1997





Há alguns anos Will Eisner, o criador da Revista *Spirit*, publicou uma história em quadrinhos que narrava a vida de uma esquina, onde um edifício típico do final do século XIX - com arcadas, ritmos de janelas, grandes portais de entrada e uma profusão de ornamentos - se localizava. "O Edifício" acumulava em suas paredes os cheiros e sabores de cada uma das histórias vividas pelas pessoas do lugar em um amálgama de gostos, sons, palavras e gestos, fundindo as memórias com as formas, volutas, arcadas, transparências e opacidades.

Nesta esquina, a força impassível do progresso que empurrava a cidade na direção inequívoca do futuro, não deixava alternativa além da demolição, diante da obsolescência que o condenara. Em seu lugar foi construído um novo, moderno, arranha-céu de escritórios, com fachadas de vidro que espelhava a cidade e apontava, em sua verticalidade, para o céu, a morada dos deuses.

Neste novo lugar os habitantes não mais conversavam entre si, não trocavam experiências e nem mesmo conversavam. Passavam seus dias executando suas tarefas ao mesmo tempo em que desejavam fugir o mais rápido possível daquele local, rumo à própria casa ou algum outro refúgio. Na ânsia pela fuga agiam como zumbis, mortos-vivos transparentes que não se viam, não conversavam, condenados a viver sem conviver.

Na contra-mão dos fatos os fantasmas daqueles que antes ali viviam, vagavam em busca de algo que fizesse sentido em suas histórias, uma vez que os ornamentos empoeirados foram substituídos pelas grandes empenas lisas que não mais acumulam nem pó nem fuligem. Uma limpeza que, além da sujeira, removeu também cada uma das histórias individuais que construiu aquele passado.





Reveladora, a história do autor de *Spirit* nos traça uma leitura amarga do espírito do nosso tempo.

1.

Cotidianamente, o mundo bate à porta de nossas casas, via cabo ou via *web*. No futuro próximo, a fabricação do avião sub-orbital deixará o Japão a cerca de uma hora de distância de São Paulo. O telefone digital via satélite permite a conexão global instantânea, até mesmo nos confins do continente antártico. Estas são algumas das maravilhas tecnológicas, louvadas a cada dia, que diminuem a dimensão do planeta e nos economizam tempo.

Não discutirei aqui a necessidade da humanidade entrar em contato com alguém que se encontra, sabe-se lá por que, nos confins da Antártica. Também não é a tecnologia que interessa. Em lugar do céu, por onde passam os aviões e as ondas de comunicação, convido-os a olhar para baixo, para o cotidiano e as implicações destas transformações na organização de nosso espaço. Discutiremos o "Espírito do Nosso Tempo" através do corpo de nosso espaço.

Observamos, através dos jornais, o clamor social por espaços mais fluidos, com fluxos progressivamente mais rápidos. Perder tempo passou a ser um luxo que somente os mais pobres se dispõem a pagar.

Na grande cidade, necessitamos avidamente de tempo. Na ânsia de consegui-lo ou economiza-lo, progressivamente deixamos de ser *flâneurs* para tornarmo-nos motoristas. Não temos tempo para a observação. Interessamo-nos pelos fatos. Assim a profundidade do espaço urbano gradativamente foi substituída pela superfície dos





edifícios, da publicidade, das telas de alta definição. Na cidade vagamos buscando a sublimação do corpo através do aumento da velocidade. Queremos o 'tempo real'.

A velocidade, como todos sabem desde Newton, é a relação entre espaço e tempo. O desejo por velocidade, considerada a impossibilidade física da alteração do espaço, se traduz em tempos cada vez menores possibilitados pelos meios tecnológicos. Portanto dada à invariabilidade do espaço, preocupamo-nos com o tempo, até o limite da diminuição dos intervalos, onde temos a sublimação do corpo através do tele-transporte instantâneo para todo e qualquer o lugar, proporcionado pelos meios eletrônicos de comunicação. Uma forma de ubiqüidade *online*.

2.

Tratemos de resgatar a evolução deste processo. Para a tradição judaico-cristã, à humanidade foi reservado o domínio do espaço, conforme expõe a própria narrativa bíblica. No livro do Gênesis (1:26), a criação do homem assim se apresenta: "(...) e por fim Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos, e a toda a terra, e a todos os répteis que se movem sobre a terra*". Em seguida (1:28) "*E Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a (...)*". Tal crescimento, tal sujeição, ocorre sob o plano do horizonte. A verticalidade, por sua vez, teve de ser conquistada. A descrição da construção da Torre de Babel, sua destruição e a pena a que todos fomos submetidos (a criação das línguas do mundo) afirma esta suposição.

No Renascimento inicia-se a subversão deste desígnio. Brunelleschi constrói um céu próprio (um céu da segunda realidade) no Domo de *Santa Maria Del Fiori* em Florença mas é Michelangelo que subverte a ordem: a Capela Sistina eterniza na '*Criação de Adão*'





um Deus velho, sob o qual a ação do tempo foi implacável. Na criação do homem inicia-se a morte de Deus. Novamente recorremos ao texto sagrado (Gen 1:1-14): *"No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Faça-se a luz. E a luz foi feita. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite. E fez-se tarde e manhã: primeiro dia. Disse também Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. E fez Deus o firmamento, e separou as águas, que estavam sob o firmamento, daquelas que estavam por cima do firmamento. E assim se fez. E Deus chamou ao firmamento céu. E fez-se tarde e manhã: segundo dia. Disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu, ajuntem-se num só lugar, e apareça o árido. E assim se fez. E Deus chamou ao árido terra, e ao conjunto das águas chamou mares. (...) Disse também Deus: Sejam feitos luzeiros no firmamento do céu, e separem o dia da noite, e sirvam para sinais, e para (distinguir) os tempos, os dias e os anos; (...)"*. Como se vê, em primeiro lugar Deus cria as dimensões do espaço, a verticalidade que separa o céu da terra e a horizontalidade que a separa do mar. Em seguida cria o tempo, a partir da passagem dos 'luzeiros' no firmamento.

O domínio de Deus sobre o espaço e o tempo (a onipresença, onisciência e onipotência) vem do fato de ser Ele o criador e, portanto, não estar sobre o jugo destas formas físicas. Ao pintar a bela barba branca e as rugas de Deus, Michelangelo reconstrói o mito criando um deus à imagem e semelhança do homem. Tornamo-nos, assim, senhores do espaço e do tempo.

Michelangelo Buonarroti: A Criação de Adão: Capela Sistina, Roma, 1508~1512





Caminhamos, desde então, no sentido da superação dos limites humanos graças à tecnologia no sentido da inversão profética de Michelangelo.

Transformados em deuses, fomos além da dimensão imposta pelo Criador dominando a verticalidade do eixo céu e terra e a espacialidade multi-direcional do tempo.

3.

O predomínio do tempo sobre o espaço não está presente somente nas ferramentas tecnológicas mas nas mais simples ações do cotidiano. Na grande cidade até mesmo a distância é transformada em tempo. Nossas decisões espaciais são pautadas pelo tempo despendido. Dizemos que moramos a cinco minutos da avenida tal; a publicidade do supermercado identifica que sua localização está a alguns minutos da visão daquele anúncio. A relação entre o tempo e o modo de transporte define a distância. Não sabemos quantos a quilômetros estamos do escritório mas sabemos quantas horas são necessárias para percorrer o intervalo considerando, inclusive, a interferência do fluxo das demais pessoas. Assim, a distância que espacialmente é determinada, fixa, varia em tempo se considerarmos o dia da semana, o horário do dia, o meio de transporte.

Este processo, como dito anteriormente, tem reflexo significativo na mídia. Todas as tardes, somos bombardeados por imagens do trânsito sob todas as formas. Ao vivo, desde a janela de nosso escritório ou em casa, através do telejornal local, passando pela imagem narrada a partir dos helicópteros e transmitida pelas rádios.

James Hillman (1993:51) evidencia que o desenvolvimento tecnológico do Século XX tornou obsoleto o caminhar, na escala que vai do controle remoto ao automóvel, indicando que nosso próprio corpo tornou-se para nós um estorvo. Individualmente circulamos pela cidade mas de modo diferente do "*homem da multidão*" de Poe: não





flanamos sem destino. Olhamos desesperados seu passar contabilizando o tempo desperdiçado entre um ponto e outro.

Desta forma a cidade, que no passado foi o amálgama das histórias de todos nós, cada vez mais se torna uma imagem e, como tal, mutante, estratégia para superar a obsolescência. Assim, em nosso caminho, a proliferação de imagens se sucede e o que antes era um edifício, aglutinador de histórias, torna-se agora superfície, seja através dos desenhos gerados pela aplicação das técnicas de revestimento ou como suporte de um grande painel eletrônico, portal capaz de nos conectar ainda na rua ao universo da informação.

Percebemos que os edifícios tornam-se, desde o projeto, cada vez mais lisos. No discurso objetiva-se rapidez em sua montagem, facilidade em sua manutenção e a durabilidade da aparência, desejo de parecer sempre novo. Eliminam-se os parapeitos que acumulam sujeira que marcava o tempo. Com ela, elimina-se também a profundidade das fachadas e a sombra que a denuncia. Constroem-se grandes painéis aparentemente uniformes com intensidade luminosa constante e monótona na visão instantânea de passagem. Edifícios que, em si, tornam-se imagens no *skyline* urbano.

Também nos mesmos grandes panos espelhados de vidro a própria cidade se reflete e se concretiza como imagem ao mesmo tempo em que o edifício se nega à visão. Lembremos, então, do mito de Medusa: não há alternativa senão olhar para o espelho. A realidade é petrificante.

Edifício São Luiz Gonzaga, Avenida Paulista, São Paulo. Arquiteto: Edison Musa.

Foto: Nélon Kon.





Como Alice, usamos o espelho para entrar no mundo fantástico. Aqui, em seu interior tudo funciona perfeitamente. A luminosidade é uniforme e constante, assim como a temperatura. Na rua, por sua vez, a superfície, se não nos insere no fluxo de informação, desperta o desejo pela segurança de nela estar inserido. Basta olhar.

Percebemos que se torna cada vez mais difícil inibir o uso de telefones celulares por motoristas. O futuro reserva-nos automóveis guiados por computador, equipados com telefone, televisão e internet. A presença da superfície eletrônica garante nossa conectibilidade. Ligados aos sistemas de comunicação superamos até mesmo as impossibilidades de percurso, sublimando o corpo. A conexão virtual nos dá a segurança de não sentirmo-nos sozinhos no violento contexto dos objetos reais urbanos.

A violência urbana, outro tema bastante explorado pela mídia, também se torna pretexto para a intensificação das redes de conexão virtual. Em nossos carros sentimo-nos seguros enquanto o sinal do telefone continua forte, mesmo que entretidos pelas imagens do painel eletrônico. Contudo sentimo-nos perplexos diante da conspiração deste mundo asséptico quando percebemos que a própria marginalidade do mundo real está nele presente. Mesmo os demônios virtuais (os *hackers*), destruidores da paz virtual, não nos assustam tanto quanto os celulares de Bangu I. Realidade e virtualidade aparentemente devem manter-se em pólos opostos, mas acabamos por perceber, de modo cruel, que os fenômenos culturais, mesmo opostos, carregam consigo suas ambivalências. Citando Morin: (1997:168) "*Essa proximidade entre o pólo real e o pólo imaginário permite incessantes eletrólises*".

Para finalizar gostaria de lembrar que os fantasmas de Eisner viviam o espaço e, portanto, procuravam vínculos. Os vivos, por sua vez, assombravam seus não-lugares. Permitam-





me, então, finalizar com a seguinte questão: de qual espécie de fantasmas somos nós?

ARGAN, Giulio Carlo, (1992) *História da Arte como História da Cidade* São Paulo: Martins Fontes

BAITELLO JR., Norval, (1997) *O Animal que Parou os Relógios* São Paulo: Annablume

BYSTRINA, Ivan, (1995) *Tópicos de Semiótica da Cultura* São Paulo: CISC (pré-print)

FLUSSER, Vilém, (1985) *A Filosofia da Caixa Preta* São Paulo: Hucitec

HILLMAN, James, (1993) *Cidade & Alma* São Paulo: Studio Nobel

MORIN, Edgar, (1997) *Cultura de Massas no Século XX - Volume 1: Neurose* Rio de Janeiro: Forense Universitária

SILVA, Maurício R., (2000) *Espaço e Cultura - uma abordagem semiótica* São Paulo: Biblioteca N.G.Kfoury - PUC/SP - dissertação de mestrado

SOARES, Pe. Matos, (1981) *Bíblia Sagrada - Tradução da Vulgata* São Paulo: Edições Paulinas

